

AGROECOLOGIA: OS TRABALHADORES PERANTE O VENENO DO CAPITAL

AGROECOLOGÍA: LOS TRABAJADORES FRENTE AL VENENO DEL CAPITAL

AGROECOLOGY: THE WORKERS STANDING BY THE CAPITAL POISON

Tauan da Silva Satyro¹
tauansatyro@id.uff.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo indicar o prejuízo causado pelo consumo de agrotóxicos, os danos à saúde dos trabalhadores rurais, da população consumidora e ao meio ambiente, compreendendo o agronegócio como um processo de expansão do capital. Buscamos indicar elementos acerca de como o Estado tem interferido nessa questão e aos interesses de quem tem atendido, como tem agido a grande mídia, como poderia uma esquerda social e revolucionária fazer frente a esse processo, e qual saída podemos apontar como forma de fazer frente a este poderoso mercado.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia, Brasil, Agrotóxicos.

RESUMEN: El presente trabajo tiene el objetivo de indicar elprejuicio causado por el consumo de agrotóxicos, losdaños a lasalud de los trabajadores rurales, de lapoblación consumidora y al medio ambiente, comprendiendo el agronegocio como un proceso de expansión del capital. Buscamos indicar elementos sobre como el Estado ha interferido en esta cuestión, y a losintereses de quién ha respondido, cómo hanactuadolos grandes medios de comunicación, cómo podría una izquierda social y revolucionaria hacerunenfrentamiento a este proceso, y cuál salida podemos presentar como forma de enfrentar este poderoso mercado.

PALABRAS-CLAVE: Agroecología. Brasil. Agrotóxicos.

ABSTRACT: The goal of the actual work is to indicate the loss caused by the agrotoxic's consumption, the damage to the rural workers, the consumer population and the environmental health, comprehending the agribusinesses as a process of capital's expansion. We look forward to indicate elements about how the Government has interfered in this issue and in the interests of who has attended, as the big media has acted, how a social and revolutionary political movement could face this process, and what is the way we can point as a form of facing this powerful market.

KEYWORDS: Agroecology. Brazil. Agrotoxics.

INTRODUÇÃO

O uso de agrotóxico vem sendo incentivado no Brasil e trazendo sérios danos para o meio ambiente, para a saúde dos trabalhadores rurais e da população que consome os alimentos. Dados da “Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida”

¹ Graduando em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense

mostram que cada brasileiro vem ingerindo por ano 5,2 litros de veneno². Alimentos como frutas, verduras e legumes que teriam potencial para prevenir doenças como o câncer, com a aderência dos agrotóxicos passam a ser causa e potencializadores tanto do câncer quanto de diversas doenças crônicas.

O consumo de agrotóxicos também vem contaminando o leite materno, conforme aponta pesquisa realizada por Danielly Palma³, colocando em risco a vida de crianças através da amamentação. Outro grave problema dos agrotóxicos é que o seu uso vem causando a morte de animais e também de trabalhadores e seus familiares em áreas rurais, além de ter se tornado um obstáculo na garantia dos direitos dos povos originários.

A partir disso, busca-se no decorrer deste trabalho refletir sobre o processo histórico que levou o país a alcançar o primeiro lugar em consumo de agrotóxicos, como tem agido o Estado e que caminho podemos tomar, se não quisermos pagar a conta do que hoje podemos dizer, ser uma das principais faces do capitalismo no Brasil.

BRASIL, O CONSUMIDOR NÚMERO 1 DO MUNDO

O Brasil é hoje o maior consumidor de agrotóxicos do mundo, tendo como um dos fatores o descaso do governo brasileiro para com a saúde da sua população, consequência da necessidade de adequar a produção brasileira ao novo patamar tecnológico que permite a aceleração da produção dos alimentos e conseqüentemente da circulação de mercadorias.

A campanha a favor do uso destes produtos tem apoio institucional, sendo os movimentos sociais ligados à luta pela terra os sujeitos que tem se colocado na cena política de maneira refratária ao discurso em prol dos agrotóxicos. A exemplo disso destacamos a declaração dada há alguns anos, pela senadora do Tocantins e ex-ministra da agricultura no governo Dilma, Katia Abreu, que afirmou que o brasileiro precisa comer esse tipo de alimento, pois é por isso que ele pode pagar e que ir contra isso é querer defender o interesse de uma minoria contra uma maioria, sendo esta para a senadora, a única maneira de produzir alimento barato no Brasil.

² Este e outros dados sobre agrotóxicos podem ser consultados pelo material disponibilizado pela Campanha em seu portal virtual. Disponível em: <<http://contraagrototoxicos.org/dados-sobre-agrototoxicos/>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

³ A pesquisa deu origem a dissertação intitulada “Agrotóxicos em leite humano de mães residentes em Lucas do Rio Verde – MT”, apresentada em 2011 ao programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Mato Grosso.

Um segundo exemplo do apoio institucional dado à indústria do agronegócio, ainda relacionado à senadora, envolve os Ministérios do Trabalho, Desenvolvimento Agrário e Meio Ambiente, ainda no mandato do presidente Lula quando a mesma deu a seguinte declaração à revista Veja:

Quero fazer um desafio aos ministros do Trabalho, do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Agrário: que eles administrem uma fazenda de qualquer tamanho em uma região de nova fronteira agrícola e tentem aplicar as legislações trabalhistas, ambientais e agrárias completas na propriedade [...] Se, depois de três anos, eles conseguirem manter o emprego e a renda nessa propriedade, fazemos uma vaquinha, compramos a terra para eles e damos o braço a torcer, reconhecendo que estavam certos (2010, nº17, pag.25).

A partir desta fala podemos observar que o que interessa é ter o país concorrendo no mercado internacional e para isso é preciso adequar-se as exigências do capital, pois para tal feito, não se pode produzir fora do patamar técnico-científico afeito ao atual estágio do capitalismo. Mas a que custo? Qual o preço a pagar?

A saúde dos trabalhadores rurais é deixada de lado, junto com os seus direitos e os danos irreversíveis causados ao meio ambiente pouco importam. Afinal, os olhos estão voltados apenas para o acúmulo de capital.

Em resumo, a propaganda institucional favorável ao uso dos agrotóxicos, apesar de contrária as leis trabalhistas e ambientais nas áreas rurais, nos leva a entender, que o descaso por parte do Governo Federal para com esta questão atende aos interesses mercantis. Fato que se confirma após o impeachment de Dilma e a posse de Michel Temer, quando este coloca como ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil, o Senador Blairo Maggi, conhecido como o Rei da Soja, considerado por entidades de proteção ambiental como o Greenpeace, o responsável por metade da devastação ambiental no país entre os anos de 2003 e 2004, motivo pelo qual recebeu o prêmio Motoserra de ouro em 2006, prêmio este que também já fora recebido pela já citada Katia Abreu.

UM MERCADO PODEROSO

A Anvisa, órgão responsável pela fiscalização, encontra uma série de dificuldades e barreiras pois sofre forte pressão por parte de líderes partidários toda vez que toma alguma decisão que vá contra o comércio destes produtos.

É importante lembrar que as empresas ligadas aos agrotóxicos, são grandes financiadoras de campanhas eleitorais, como ocorreu com os deputados federais, Luís Carlos Heinze (PP-RS) e Alceu Moreira (MDB-RS), conhecidos por defenderem a formação de milícias privadas armadas, para que fazendeiros possam reagir ao que chamam de “invasões indígenas e quilombolas”, conforme aponta reportagem do portal Sul21⁴, que traz também informações sobre valores e empresas responsáveis pelo financiamento das campanhas dos deputados, sendo a maioria delas do agronegócio e da indústria das armas e, como no mundo do capital, o objetivo é o lucro, ninguém está disposto a investir naquilo que não lhe der retorno.

Diversas pesquisas são realizadas por órgãos junto às universidades, apontando os problemas e o perigo destes produtos tanto para quem trabalha e vive nas áreas rurais quanto para quem apenas consome nas áreas urbanas, mas na maioria das vezes são tratadas com descaso.

O apoio à comercialização destes produtos é tão grande que no país existe uma isenção fiscal de 60% nos impostos para todos os agrotóxicos e em alguns estados chega a ser de 100%. O agricultor é praticamente obrigado a aderir, do contrário dificilmente conseguirá crédito bancário, pois existe uma série de dificuldades impostas para o agricultor que opta pela agricultura tradicional. As sementes hoje utilizadas no agronegócio, as sementes geneticamente alteradas, conhecidas como transgênicas, são patenteadas por seus criadores, que não por acaso são as mesmas empresas que controlam os agrotóxicos. Os agricultores para poderem utilizar estas sementes precisam obrigatoriamente aderir a todos os agrotóxicos determinados pela empresa para cultivo destas, ou seja, as sementes são comercializadas em forma de pacote, onde casam a venda das sementes a dos agrotóxicos.

Um fato muito questionado, é sobre o porquê de o governo brasileiro aceitar o uso dos agrotóxicos, já que o país é um grande exportador e diversos países que recebem os alimentos brasileiros proíbem o uso de muitos destes produtos químicos. Isso futuramente pode trazer problemas para a economia, pois países importadores podem se recusar a aceitarem estes alimentos.

O discurso do agronegócio, é que essa é a única forma do país conseguir produzir o suficiente para o consumo da população brasileira e para a exportação, mas a realidade é que isso tudo não passa de uma desculpa para defender os interesses das grandes

⁴ WEISSHEIMER, Marco. Agronegócio e indústria de armas estão entre os principais doadores das campanhas de Heinze e Alceu Moreira. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/agronegocio-e-industria-de-armas-estao-entre-os-principais-doadores-das-campanhas-de-Heinze-e-Alceu-Moreira>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

multinacionais que controlam o mercado de agroquímicos que hoje é controlado por 6 empresas e mobiliza bilhões de reais por ano em todo o mundo. Entre estas empresas encontramos a Bayer, a BASF, a DOW e a Monsanto, que foram empresas potencializadas durante a Segunda Guerra Mundial, ou seja, desenvolveram sua tecnologia a partir da fabricação de elementos químicos utilizados na Segunda Guerra.

A tecnologia utilizada na Revolução Verde é proveniente da indústria da guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial a IG Farben, a empresa alemã que fabricou o gás Zyklon B deteve o monopólio da produção química na Alemanha Nazista. Entre os seus principais proprietários estavam a BASF e a BAYER. Os Estados Unidos utilizaram no Vietnã de 1961 até 1971, o herbicida conhecido como Agente Laranja. Segundo a Monsanto, uma das empresas produtoras foi para salvar as vidas dos soldados americanos e aliados, desfolhando a densa vegetação das selvas vietnamitas e, portanto, reduzindo as possibilidades de uma emboscada. Além da Monsanto a Dow Química também participou da rede da morte (TENDLER, 2011).⁵

A Dow e a Monsanto foram intimadas a pagarem 62 milhões em indenização aos veteranos de guerra coreanos, valor este que até hoje não foi pago.

A REVOLUÇÃO VERDE

Para compreendermos como chegamos a esse momento, onde o brasileiro trabalha para levar veneno para a mesa em forma de alimento e a natureza é massacrada em nome do progresso econômico, precisamos ir para a origem do problema.

Em meados do século XX, teve início o processo de modernização agrícola, conhecido como Revolução Verde. A promessa do programa era gerar um aumento expressivo na produção de alimentos e com isso combater fortemente e acabar com a fome mundial. Realmente esse aumento ocorreu, mas o problema da fome não foi resolvido, até mesmo porque a maior parte dos alimentos produzidos não serviria a países onde a fome é ainda uma questão. A revolução alterou a estrutura agrária, trouxe a mecanização e levou à falência aqueles que por não conseguirem se adaptar, e se afundaram em dívidas.

O crescimento do Capital sempre exerceu uma grande influência sobre o destino da classe trabalhadora e não seria diferente com a Revolução verde, que além de não resolver

⁵ O VENENO ESTÁ NA MESA. Direção: Silvio Tendler. Brasil, 2011, 50 min.

o problema da fome, agravou o desemprego e contribuiu para a expulsão do pequeno agricultor da sua propriedade. Nesse momento ocorre o que Marx relata no cap. XXIII d'O Capital, quando os meios de produção passam a ser a alavanca do modo de produção. Agora, porém, de uma maneira sem precedente, é preciso investir em máquinas, em tecnologia. O homem é substituído pelo trator, pois é preciso uma adaptação às novas técnicas de produção, para assim conseguir produzir o suficiente para manter-se na atividade que passa a ser voltada exclusivamente para o Capital. É preciso produzir o máximo possível, visando o comércio. A agricultura se tornou um negócio caro, onde quem tem os meios ditará o andamento da produção, logo deixa de fora o pequeno produtor e coloca a agricultura nas mãos do grande capital, que passa a explorar a força de trabalho do camponês os dando metas a cumprir na produção. Ellen Wood afirma que em sociedades pré-capitalistas ocorreu a expropriação dos trabalhadores diretos, como os camponeses, que foram expulsos de suas terras sendo obrigados a trabalhar em troca de salário e Marx no cap. XXIV d'O Capital indica que na acumulação primitiva ocorreu a divisão da força de trabalho do modo de produção, ficando de um lado os que detinham os meios de produção e de outro os que detinham a força de trabalho. Foi exatamente o que ocorreu no campo a partir da revolução verde. Aqueles que tinham capital acumulado suficiente para investir nas novas tecnologias e cumprir com as exigências do programa conseguiram ir em frente, enquanto ao pequeno produtor, restou deixar suas terras e se tornar assalariado.

A Revolução verde trouxe desemprego, problemas sociais ao campo e a mercantilização da natureza que para Menegat, é uma das características do capitalismo atual que busca transformar tudo em mercadoria e a urbanização da humanidade, que não se preocupa com o futuro do planeta e une o urbano ao rural, gerando mais que imenso exército de reserva, mas uma massa de sobrantes para o capital, nesse processo de industrialização-tecnificação da agricultura.

Esta mercantilização da natureza não apenas retira os meios de subsistência das antigas massas de camponeses, realizando uma expropriação em escala planetária, como põe em alarmante risco a preservação do planeta. [...] A agroindústria é uma expressão desse estreitamento – que tende à completa superação – da divisão social do trabalho entre campo e cidade, e funde nas suas atividades estas duas massas, unindo e ampliando as “sobras” (MENEGAT, 2008, p.148).

O PAPEL DA MÍDIA

Em meio a tantas questões obscuras, o agronegócio precisa maquiagem a sua face sombria e encontra apoio na grande mídia. Recentemente a Rede Globo, a emissora com maior poder e influência no país lançou em horário nobre a campanha “Agro é Tech, Agro é Pop, Agro é Tudo” com o objetivo de retratar a importância do agronegócio no dia a dia das pessoas e o impacto positivo causado por ele na economia do país, a campanha trata o agronegócio como a indústria-riqueza do Brasil.

Importante ressaltar, que o grupo Globo, controla 9 dos 50 maiores veículos de mídia do país⁶, sendo possível, a partir deste dado, refletir sobre a influência do grupo sobre a vida da população e no cenário internacional.

Em conjunto com a campanha, a Rede Globo lançou dentro do seu portal de notícias na internet, o G1, um espaço exclusivo para notícias sobre o agronegócio. O objetivo é ganhar apoiadores, esconder os aspectos negativos e vender a imagem de que é algo benéfico e fundamental para a economia do país. A Rede Globo, com essa propaganda, atende a interesses que sem dúvidas não são os dos que lutam por dignidade e o direito de poder comer um alimento saudável, ter suas terras demarcadas e não ter que trabalhar o dia inteiro respirando veneno. O grupo Globo atende aos grandes empresários do agronegócio e aos seus próprios interesses.

É óbvio que não encontraremos na propaganda nem no portal nada que trate dos danos causados pelo uso e consumo dos agrotóxicos, do prejuízo para a saúde da população e para o meio ambiente ou sobre as condenações sofridas pela JBS–Friboi parceira da Rede Globo e empresa que mais mata animais no mundo, por crimes como exploração de trabalho infantil e análogo ao escravo e desrespeito às normas de segurança e saúde no trabalho.

A AGROECOLOGIA COMO SAÍDA FRENTE A BARBÁRIE DO AGRONEGÓCIO

Diante do tão poderoso mercado do agronegócio, parece difícil encontrar uma saída, até mesmo porque os governantes dizem que essa é a única maneira de conseguir

⁶ LIMA, José Antonio. Cinco Famílias controlam 50 dos principais veículos de mídia do país, indica relatório. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio>>. Acesso em: 29 de Janeiro de 2018.

colocar alimento na mesa de todos por um preço acessível. No entanto, a realidade é que 70% dos alimentos consumidos no Brasil vêm da agricultura familiar e não do agronegócio, que é uma indústria voltada para a exportação⁷.

Em nome da economia e da defesa dos grandes empresários, o governo brasileiro coloca em risco a vida da população, não só a brasileira, mas também a dos países importadores, alegando que o uso dos agrotóxicos só é perigoso se houver descuido por parte dos produtores agrícolas, tirando de si e das multinacionais a responsabilidade e ainda atrapalhando a fiscalização por parte dos órgãos responsáveis.

Contrariando a isso e visando uma saída, pequenos agricultores buscam formas alternativas de cultivo, formas racionais do uso dos recursos naturais. Buscam uma maneira de produzir o alimento sem ter que causar danos à natureza e à saúde dos consumidores e trabalhadores. Essa forma alternativa é conhecida como agroecologia, que foi fundamentada na Eco-92, quando se discutiu formas de desenvolvimento sustentável.

A agroecologia é uma saída sustentável que trabalha com o conhecimento adquirido durante anos pelas comunidades locais, seguindo uma série de princípios, trazendo de volta o cultivo tradicional, agroflorestas, desenvolvendo um trabalho através da agricultura familiar, indo contra o mercado dos agrotóxicos e travando uma batalha contra os monopólios das sementes transgênicas, fazendo uso das sementes naturais, as chamadas sementes crioulas. A grande inimiga da agroecologia é a bancada ruralista, que segue firme na defesa do agronegócio. Hoje o número de deputados ruralistas é totalmente desproporcional ao número de deputados que defendem a agricultura familiar.

O documentário, “O Veneno Está na Mesa II” dirigido por Silvio Tendler, lançado em 2014, traz informações sobre esta disparidade e do poder que o agronegócio tem dentro do Congresso Nacional. Segundo depoimento presente no documentário:

A bancada ruralista segue mais interessada nos negócios do que com a saúde pública. 40 mil proprietários rurais controlam 40% das terras e elegem no mínimo 120 deputados federais, enquanto a agricultura familiar com 12 milhões de pessoas elege de 10 a 12 deputados. O ministério da agricultura recebe 10 vezes mais recursos para cuidar do agronegócio do que o ministério do desenvolvimento agrário para cuidar dos agricultores. (TENDLER, 2014).⁸

⁷ Sobre isso, ler matéria disponibilizada no portal Brasil de Fato. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/02/agricultura-familiar-e-responsavel-por-70-dos-alimentos-consumidos-no-brasil/>>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2018.

⁸ O VENENO ESTÁ NA MESA II. Direção: Silvio Tendler. Brasil, 2014, 70 min.

Apesar de toda a dificuldade e resistência encontrada, estes agricultores através de feiras agroecológicas, vêm mostrando que é possível ter alimento de qualidade, não prejudicial à saúde e por um preço acessível, negando o que diz o mercado do agronegócio, mostrando que é apenas questão de vontade e organização. Questão de deixar de lado o interesse dos grandes empresários.

Grupos ambientalistas vêm somando forças aos agricultores familiares, o movimento agroecológico se tornou um movimento social e uma esperança para a preservação da biodiversidade, do solo, das águas, do ar e da luta pela preservação dos povos nativos, contra o extermínio de indígenas e quilombolas. Um movimento contra os que fazem de tudo em nome do poder econômico.

É comprovado hoje que apenas a agroecologia é capaz de produzir alimentos sem o uso de agrotóxicos e sementes transgênicas, que não existe uma forma do agronegócio atuar sem causar destruição no meio ambiente e na vida da população, portanto é preciso que aqueles que se denominam de esquerda, somem força a este movimento.

O governo do PT, era uma esperança na luta dos trabalhadores quando chegou ao poder, esperava-se que esse governo atuasse de uma maneira diferente da do governo que o precedeu, o do PSDB, mas o que ocorreu foi um continuísmo. O PT aliou-se a grandes empresários, governou ao lado de banqueiros, empreiteiros, latifundiários e tocou uma política de privatizações e de apoio ao agronegócio. O que esperar então de um governo gerido pelo MDB, partido cujo único compromisso é com o avanço do grande capital, que não tem e nem precisa fingir compromisso algum com trabalhadores e com o meio ambiente?

CAMINHOS DE UMA ESQUERDA SOCIAL REVOLUCIONÁRIA

Uma esquerda social revolucionária precisa ser constituída em âmbito do poder popular, compreendendo que é preciso que seja feita uma crítica radical ao modo de vida burguês, que o socialismo precisa ser visto como uma oposição ao que vem acontecendo e não apenas como uma melhor distribuição das riquezas da burguesia a fim de impedir a barbárie (MENEGAT, 2008, p. 172). É exatamente isso que os defensores da agroecologia vêm fazendo, estão contrariando e fazendo uma crítica radical ao que vem acontecendo na agricultura do país, eles não estão simplesmente exigindo uma melhor distribuição da produção e do ganho do agronegócio, mas sim enfrentando as grandes multinacionais que

contam com um vasto poder econômico e apoio governamental. Estão mostrando uma saída, uma alternativa oposta à do modo de vida burguês.

É preciso que uma esquerda social revolucionária compreenda que a luta contra o avanço do agronegócio, é uma luta contra a expansão do capital, que é preciso se colocar contra este mercado em defesa da garantia dos direitos humanos e do meio ambiente, em defesa do trabalhador rural, dos povos originários e da saúde de toda a população. Resistir ao avanço do agronegócio, é dizer não ao latifúndio, a superexploração do trabalho no campo e aos poderosos que controlam as grandes indústrias dos agrotóxicos e que não medem esforços para atingir o seu objetivo: o lucro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos sombrios, onde direitos básicos são ignorados, onde a saúde da população é tratada com descaso, onde o meio ambiente vem sendo destruído e o desemprego no campo aumenta a cada dia, a agroecologia vem crescendo e aparecendo como uma força de resistência, onde trabalhadores unidos enfrentam os interesses do grande capital. Trata-se de uma luta pela vida da população urbana e rural, de indígenas e quilombolas e pela preservação do meio ambiente e conseqüentemente pelo futuro da humanidade.

Estes trabalhadores terão que estar cada vez mais unidos, firmes na luta e precisarão de todo o apoio daqueles que se dizem revolucionários e atuantes na defesa dos direitos humanos. Sendo urgente, a necessidade de se trabalhar na construção de um novo projeto societário.

Nas palavras de Michael Löwy,

Trata-se de destruir esse aparelho de Estado e criar um outro tipo de poder. Essa lógica tem que ser aplicada também ao aparelho produtivo: ele tem que ser, se não destruído, ao menos radicalmente transformado. Ele não pode ser simplesmente apropriado pelos trabalhadores, pelo proletariado e posto a trabalhar a seu serviço, mas precisa ser estruturalmente transformado.⁹

É preciso atuar contra a lógica produtivista e consumista que busca transformar tudo em mercadoria, visando o lucro a qualquer custo, colocando em risco o futuro das

⁹ Trecho transcrito da entrevista concedida por Michel Löwy, ao Instituto HumanitasUnisino On-Line, em 2011. Disponível em: <<http://www.iu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/40841-ecossocialismo-por-uma-ecologia-socialista-entrevista-especial-com-michael-loewy>>. Acesso em: 01 de Fevereiro de 2018.

formas de vida existentes no planeta, entre as quais nós estamos inclusos. Este novo projeto societário deve ser fundamentado em uma mudança no modo em que tem se dado a relação homem x natureza, onde precisamos percebê-la como um todo e nós como parte dela, sendo imprescindível compreender que qualquer passo dado, deve levar em consideração a sua preservação e que o nosso domínio sobre ela está ligado apenas a nossa capacidade teleológica de transformá-la de acordo com nossas necessidades, que é o que outrora nos permitiu nos constituirmos como ser social, nos diferenciando dos demais seres naturais, caso contrário, estaremos fadados a afundarmos cada vez mais na barbárie imposta pelo grande capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEISTER, Jaqueline. Agricultura familiar é responsável por 70% dos alimentos consumidos no Brasil. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/02/agricultura-familiar-e-responsavel-por70-dosalimentos-consumidos-no-brasil/>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2018.

Ecosocialismo. Por uma ecologia socialista. Entrevista especial com Michael Löwy. Disponível em: <<http://www.iu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/40841-ecosocialismo-por-uma-ecologia-socialista-entrevista-especial-com-michael-loewy>>. Acesso em: 01 de Fevereiro de 2018.

LIMA, José Antonio. Cinco Famílias controlam 50 dos principais veículos de mídia do país, indica relatório. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio>>. Acesso em: 29 de Janeiro de 2018.

MARX, Karl. “A assim chamada acumulação primitiva”. In. O Capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do Capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boi Tempo, 2013.

_____. “A lei geral da Acumulação Capitalista”. In. O Capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do Capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boi Tempo, 2013.

MENEGAT, Marildo. “Sem lenço nem aceno de adeus. Formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão?”. Praia Vermelha, n. 18, p.146-177, Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

PALMA, D. C. A. Agrotóxicos em leite humano de mães residentes em Lucas do Rio Verde – MT /Danielly Cristina de Andrade Palma. – 2011. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

SCHELPE, Diogo. Entrevista Kátia Abreu. In: Revista Veja, edição 2162, ano 43, nº17, pag.21-25.

WEISSHEIMER, Marco. Agronegócio e indústria de armas estão entre os principais doadores das campanhas de Heinze e Alceu Moreira. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/agronegocio-e-industria-de-armas-estao-entre-os-principais-doadores-das-campanhas-de-heinze-e-alceu-moreira/amp/>>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2018.

WOOD, Ellen M. A origem do capitalismo, Rio de Janeiro: Zahar, 2001[1999].

Documentários e Vídeos

O VENENO ESTÁ NA MESA. Direção: Silvio Tendler. Brasil, 2011, 50 min.

O VENENO ESTÁ NA MESA II. Direção: Silvio Tendler. Brasil, 2014, 70 min.

Submetido em: fevereiro de 2018

Aceito em: março de 2018